Número de inscrição: 05111453

RESUMO

Título: A tropicologia de Edgard Roquette-Pinto e Gilberto Freyre: bicontinentalidade, hibridismos, antropologia e educação na interpretação do povo-nação.

Tropicologia foi um termo recorrente no pensamento social antropológico de Gilberto Freyre que o definiu enquanto uma categoria de análise capaz de fazer emergir o caráter multidisciplinar das interpretações acerca do Brasil colonial, imperial e republicano. Em Casa Grande & Senzala, Gilberto Freyre (2002) atribuiu a essa categoria analítica, não somente especificidades espaciais, mas, sobretudo, características geográficas, ecológicas, históricas e socioculturais. Este termo possui, segundo Vasconcellos (2000, p.47-48), uma diferença energética que preconizava o sucesso da civilização nacional marcada pelo caldeamento das raças, portuguesa, ameríndia e negra africana. Assim, na visão freyreana, a miscigenação construir-se-ia numa visão positiva dos trópico que era concebido, sobretudo, "por uma humanidade diferente, animalesca, demoníaca", segundo enfatiza Laura de Mello e Souza (1986. p. 77), opondo-se à Europa, à metrópole portuguesa, "lugar de cultura, terra de cristãos". De certa maneira, Freyre contradizia a perspectiva analítica eurocêntrica da época. No dizer de Candeas (2001, p.10), Freyre procurou construir uma visão do Brasil tropical e mestiço, sua bicontinentalidade e seus hibridismos frente aos ditames de um determinismo antropogeográfico. Segundo Candeas, Freyre teceu uma visão positiva da miscigenação. Todavia, a tropicologia expressada por Roquette-Pinto foi predeceu à concepção antropológica de Freyre que apontou para a ideia de positividade dos trópico brasileiro. Do ponto de vista metodológico, nosso percurso é benjaminiano. Tenciona produzir uma operação historiográfica que vise o descentramento, a transitoriedade, considerando os pontos precisos de análise como sendo sempre provisórios. Nesta perspectiva, interrogamos, se, por um lado, as matrizes interpretativas da nação em Roquette-Pinto e Gilberto Freyre construíram, ambas, diferentemente, uma nova acepção de identidade nacional que desmontou o arsenal de segurança teórico montado no o processo de inserção compulsória do Brasil à modernidade/modernização sob a égide colonialista (Bhabha, 2010). Rechaçava-se, àquela altura, as teorias do branqueamento racial propugnada João Baptista de Lacerda no Primeiro Congresso Universal das Raças, realizado em Londres, em 1911. Pois bem, tanto Freyre quanto Roquette-Pinto indicaram o soerguimento de uma nova imagem do Brasil tropical. Um Brasil interiorano que devia ser educado e decifrado pela ciência da época. De lado, trataram de abolir a visão de um Brasil doente; por outro, fizeram surgir uma outra visão comprometida com o de país são. Ambos, discorreram sobre a novas formas de classificar tipologicamente os homens fronteiricos. Na década de 1930, no Teachers College Columbia University, Freyre fez uma menção ao trabalho intitulado Nota Sobre os Tipos Antropológicos do Brasil, publicado em 1928, de autoria de Roquette-Pinto, no qual pontificou que os problemas relacionados ao atraso cultural, intelectual, moral do país não estariam vinculados às "consequências negativas dos cruzamentos inter-raciais" (Santos, 2002, p.114), mas as formas de constituição de nossa hibridação social e às condições ruins de saúde pública e de educação do povo brasileiro. Sendo assim, refutaram as acepções de que os males do atraso civilizatório" que afetavam o Brasil estava em nosso hibridismo. Nosso *corpus* documental reside na releitura da vasta produção bibliográfica de Roquette-Pinto e Gilberto Freyre, particularmente, nas obras intituladas, respectivamente, *Rondônia* (1917) e *Casa Grande & Sensala* (1933).

Palavras-chave: cientistas sociais, interpretação da nação, antropologia e educação.